

Quarto ato. Cena dividida ao meio por um muro coberto de hera e de flores. Ao longe o panorama da baía de Nápoles; é madrugada. Gennariello, mais para o fundo da cena, canta uma canção, dirigindo-se para o mar. Badajoz sai da porta do castelo e se dirige para a grade do jardim, onde aparecem também Corcelli e seus sicários, todos envolvidos em mantos pretos e armados. O Conde combina com os bandidos um assalto em que eles deverão trucidar Masaniello no momento em que este entrar na igreja para as suas orações.

Chega pouco depois Salvator Rosa ladeado por dois soldados. Mas o Conde lhe diz que está livre e que pode partir, indicando-lhe a igreja como sendo o melhor caminho a seguir. O pintor, surpreendido pela inesperada clemência, encaminha-se para sair, ainda desconfiado, quando aparece Isabela em traje nupcial. Os dois apaixonados abraçam-se jubilosos. Isabela, porém, revela a seu amado que tem a morte no peito. Explica-lhe que para que ele tivesse a vida salva, foi preciso fingir que obedeceria ao pai, que a queria esposa de Fernandez, mas que ela já tomara um veneno que a prostrará morta antes da celebração do rito nupcial. Salvator Rosa pede-lhe que fuja com ele, mas Isabela hesita, enquanto Gennariello aparece à porta da igreja, comunicando ao pintor que Masaniello, lá dentro, corre perigo. Salvator Rosa pede mais uma vez a Isabela que o acompanhe, quando se ouve um tiro no interior da igreja. Surgem o Duque e o Conde no limiar do palácio. Salvator Rosa, que tinha corrido para acudir a Masaniello na igreja, aparece nos degraus do templo de punhal na mão, ameaçando o Duque para vingar Masaniello, que acabara de morrer, golpeado pelos bandidos. O Duque quer mandar prender o pintor, mas a filha interpõe-se. Salvator escarnece-a, sem compreender ainda o sacrifício da jovem e atira o punhal a seus pés. Ela o apanha e fere-se, apressando assim a sua morte. O Duque e Salvator Rosa desesperam-se. Isabela agoniza, perdoando ao pai e pedindo ao artista que se dedique à sua arte sublime para vir a ser um grande pintor.



6. MARIA TUDOR

Libreto de Emilio Praga.

Primeira representação: 27 de março de 1879.

A ação passa-se em Londres, em 1650. O **primeiro ato** se desenvolve numa praça meio deserta, às margens do Tâmis. Do lado direito, uma casa modesta, residência de Giovanna, uma jovem orfã. Entardece. Entram em cena numerosas pessoas, entre as quais D. Gil. Todos, falando

baixo, comentam os escândalos da corte, especialmente a ligação da rainha com o conde Fabiano Fabiani, com quem a soberana esbanja dinheiro da coroa, enquanto o povo padece toda sorte de privações. À vista duma patrulha que passa ao fundo da cena, retiram-se quase todos, momento em que Giovanna sai de sua casa. Ela é noiva de Gilberto, um cinzelador, a quem muito estima; porém, ama e sente-se irresistivelmente atraída por um lindo rapaz de nome Lionel, que a soube seduzir, trazendo-lhe na alma a tortura do remorso, o enlevo de um grande amor e simultaneamente o temor e o ciúme, pois tudo ignora acerca da real personalidade de seu adorado amante.

Chega Gilberto, admirando-se de vê-la tão tarde na rua. Responde ela que estava precisamente à sua espera. Gilberto, lisonjeado, insiste para que Giovanna lhe confirme seu amor, pois ele a adora. A jovem, com o coração esmagado entre a sincera amizade que a prende a Gilberto e o ardente amor que dedica a Lionel, chora desesperada. Gilberto a induz a voltar para casa, pois já é noite escura. Permanece sozinho, inquieto e desconfiado com a estranha atitude de sua querida noiva, quando chega D. Gil e adverte-o de que ele tem um rival. Gilberto não crê no que ouve, e parte indignado. D. Gil ainda permanece na praça. Ouve-se a canção que Fabiano Fabiani costuma cantar para avisar Giovanna de sua chegada. D. Gil rejubila-se por tão facilmente poder convencer Gilberto da traição de Giovanna e, discretamente, oculta-se numa esquina.

Giovanna tendo ouvido a canção corre ao encontro do amante, que ela julga ser Lionel. Há entre os dois grande expansão de amor e juntos penetram em casa de Giovanna, enquanto Gilberto, com o espírito envenenado pelas insinuações de D. Gil, volta à praça. D. Gil convence-o a esconder-se com ele, espreitando por alguns instantes a casa de Giovanna. Momentos depois, Fabiano e Giovanna aparecem amorosamente abraçados, no limiar da casa. Gilberto, estarrecido com a cruel confirmação do que lhe dissera D. Gil, quer agarrar Fabiano, mas D. Gil o impede. Fabiano parte, após ter marcado novo encontro com Giovanna para o dia seguinte. Gilberto, desesperado, corre para a moça, dizendo-lhe que ela está amando o favorito da rainha Maria Tudor. Giovanna cai desfalecida e D. Gil insinua que poderá ajudar Gilberto a vingar sua honra e seu amor. Gilberto jura fidelidade a D. Gil, enquanto ainda se ouve ao longe a canção de Fabiano, que parte feliz com sua aventura amorosa.

O **segundo ato** decorre nos jardins anexos ao palácio real, onde numerosas pessoas ligadas à corte aguardam uma recepção. Maria Tudor desce com grande pompa os degraus da escadaria do palácio em direção ao jardim, onde Fabiano, em costume de caçador, já a espera. Damas e cavalheiros brindam alegres, rendendo homenagens e louvores à rainha e ao seu favorito Fabiano Fabiani. Lord Montagu e Lord Clinton dissimulam seu ódio, fingindo respeito e admiração para com ambos. Um pagem anun-

cia a chegada dos cantores de Avinhão, que se dispõem em fila para cantar um madrigal em honra da rainha, quando se ouve um longínquo tiro de canhão, anunciando que um dos conspiradores, o duque de Suffolk, foi executado.

Maria pede a Fabiano que cante também uma canção de amor, e todos se retiram deixando os dois amantes a sós. Fabiano revela a Maria sua animosidade contra D. Gil, sabendo ser ele o embaixador do rei da Espanha, pretendente à mão da rainha da Inglaterra. Maria retruca que só uma "razão de Estado" a poderia obrigar a contrair núpcias com Felipe II, de Espanha, pois ela só ama e adora realmente a ele, Fabiano. Surge um pagem anunciando a chegada do embaixador da Espanha, que solicita audiência. Maria lamenta o intruso, que vem interromper suas expansões de amor, porém manda entrar D. Gil. E Fabiano parte, após uma carinhosa despedida.

Entram Lord Mantagu, Lord Clinton, Gilberto e D. Gil. Este relata publicamente a traição de Fabiano e seus amores com uma jovem plebéia, cujo noivo Gilberto afirma a veracidade da acusação. Entra também Giovanna, envergonhada de se ver diante de sua poderosa rival, em tão deprimente condição. A soberana força-a a confessar que seu querido amante Lionel não é outro senão o próprio favorito da rainha. Esta, ofendida em seu amor próprio e cheia de ciúmes, vendo-se traída por uma simples rapariga do povo, jura solene vingança. Corre ao local onde Fabiano havia deixado momentaneamente seu punhal para melhor poder cantar, e entrega-o a Gilberto, insinuando na alma simples do pobre rapaz que ele poderia vingar-se com aquela mesma arma. Gilberto guarda o punhal e parte com Giovanna e D. Gil, deixando Maria Tudor entregue a uma crise de ira, durante a qual profere as terríveis ameaças contra Fabiano.

O **terceiro ato** consta de dois quadros. O primeiro, o luxuoso gabinete da rainha, onde, sentada ao toucador, Maria Tudor dá os últimos retoques em sua rica toilette para a próxima recepção da corte. Assistem-na D. Gil, os lordes Clinton e Montagu, com algumas damas da corte. Chega também Fabiano, bastante desconfiado com a atitude de Maria, que, desde a véspera, parece desprezá-lo, agradando mais aos lordes ingleses e ao embaixador espanhol. Os três cortesãos a ele se dirigem com evidente ironia; e ficando só, Fabiano desabafa o desprezo e nojo que lhe causam aqueles falsos adúladores da rainha. Retorna D. Gil dizendo a Fabiano, com ar de ironia, que nos salões da festa só ele está faltando, e que, aliás, a rainha o está procurando com o olhar cheio de amor e ódio. Estranha o porque do ódio, uma vez que sempre foi muito devotado a Maria Tudor. D. Gil, então, insinua que a rainha e a corte toda já estão a par de suas aventuras amorosas às margens do Tâmis. Fabiano, ciente embora do perigo que o ameaça, parte, contando ainda com sua boa estrela. D. Gil, apenas Fabiano se retira, introduz Gilberto no gabinete da rainha,

mostrando-lhe um esconderijo onde deverá ficar, esperando o momento oportuno para a sua vingança.

O segundo quadro mostra-nos o grande salão nobre do palácio, magnificamente preparado para uma grande recepção. Ao levantar-se o pano uma turba de bacantes invade a cena com suas danças. Fabiano percorre o salão com ar preocupado. Clinton e Montagu aproximam-se dele, procurando intrigá-lo, enquanto damas, cavalheiros e pagens dançam uma sarabanda. De súbito ouvem-se toques de clarins e um arauto anuncia a chegada da rainha. Maria Tudor chega, precedida por um séquito de pagens, e dando a mão a D. Gil. Quando chega ao lado de Fabiano, pergunta-lhe ironicamente a causa de suas preocupações. Responde ele que aguarda apenas um olhar da rainha para sorrir. Maria Tudor senta-se no trono, enquanto Fabiano já não pode disfarçar sua grande inquietação. Os músicos preludiam outra dança, a dança dos bufões, muito original e característica, que prende a atenção de todos. Um pagem anuncia a ceia e todos se encaminham para o banquete real, enquanto outro pagem pede permissão a Maria Tudor para introduzir um mensageiro do rei da Espanha, que vem em busca de D. Gil. Maria dá as ordens necessárias para que o embaixador chegue à sua presença.

Entra o enviado do rei da Espanha, seguido por quatro pagens, um dos quais traz pequeno cofre numa almofada de veludo vermelho. O enviado entrega a D. Gil um pergaminho. Este lê o escrito do soberano, que diz oferecer a Maria Tudor o anel de noivado e o seu coração. Mas há um adendo na carta, que D. Gil lê em voz baixa e que diz que se Fabiano morrer, ele, D. Gil será príncipe de Centa. D. Gil guarda o pergaminho e de joelhos coloca o anel de noivado no dedo de Maria Tudor com obsequiosa elegância.

A rainha recebe o anel com altivez, mas, lembrando-se de sua mágoa, pergunta a D. Gil onde está Gilberto, pois ela só pensa na vingança. Tanto Gilberto como Giovanna estão escondidos nos aposentos do palácio, aguardando os desígnios da soberana ofendida. D. Gil leva Gilberto para o salão do trono e Maria pergunta-lhe se está pronto para morrer. Responde o jovem pela afirmativa, desde que Fabiano também morra. Quando Gilberto tira do colete o punhal para mostrá-lo à Maria, esta agarra com força a mão do pobre rapaz e, clamando por socorro, diz a todos que aquele homem a queria matar e, portanto, deveria ser preso. Gilberto, aturdido, não pode compreender o que se passa; quer reclamar, mas a rainha intima-o a calar-se, dizendo-lhe que ele terá a sua vingança.

Todos, horrorizados, comentam o ocorrido, inclusive Fabiano, a quem a rainha, com feroz ironia, diz ter preparado uma surpresa: é Giovanna que se apresenta, acanhada e trêmula, sem saber qual o papel que está representando naquela tragédia real. Fabiano, ao ver Giovanna, perturba-se. Maria Tudor, tendo assim a certeza do que lhe dissera D. Gil, acusa

ba-se e chama pelo carcereiro para indagar a verdade: quer saber qual foi o condenado que desceu pela escada e manda o homem procurar e tirar da cela o prisioneiro que lá estiver, para trazê-lo à sua presença. Ouve-se o tiro do canhão anunciando a morte de um dos dois. Grande é a angústia. Giovanna ajoelha-se pedindo a proteção da Virgem, quando entra Gilberto trazido pelos guardas. Ele é que foi salvo e Fabiano o decapitado. Gilberto e Giovanna atiram-se nos braços um do outro, enquanto Maria Tudor, ante a evidência de sua desgraça e a traição de D. Gil, que mandou para o suplício seu amante, desmaia entre lágrimas.

*

7. O ESCRAVO (LO SCHIAVO)

Libreto de Rodolfo Paravicini.

Primeira representação: Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1889.

A ação se desenvolve no Brasil, em 1567. O primeiro ato decorre na fazenda do Conde Rodrigo, às margens do rio Paraíba. Alguns escravos tecem grinaldas de flores, outros atendem aos serviços da fazenda: carregam fardos de cana-de-açúcar, sacos de milho e feijão, etc. Américo, filho do Conde Rodrigo e oficial da marinha portuguesa, jovem de temperamento ardente, despreza preconceitos e linhagens porque está loucamente apaixonada por Ilara, a linda criada indígena de seus pais, que mora na fazenda quase como doméstica. O Conde Rodrigo, horrorizado com o possível casamento de seu filho com uma escrava, ordena-lhe que parta a juntar-se à armada portuguesa, que combate na baía de Guanabara contra um levante de índios tamoios, aliados aos franceses. Américo tenta opor-se à vontade paterna; confessa ao pai todo o seu amor por Ilara, mas o pai aponta-lhe severamente seus deveres de fidalgo, de militar e de patriota. Américo acredita que, se voltasse coberto de glória, o pai abençoaria sua união com Ilara. E resolve partir depois de uma sentimental despedida de sua amada. Antes de seguir viagem, o jovem solta o escravo Iberê, vítima do feitor Gianfera, que lhe havia imposto algemas por uma insignificante desobediência. O escravo ajoelha-se ante seu libertador, jurando-lhe eterna gratidão. Américo aperta-lhe a mão ante o assombro de todos os escravos, aos quais o jovem promete liberdade. Apenas Américo parte, o feitor prende novamente Iberê e manda prender também Ilara, arrastando ambos para o interior da capela, onde são casados à força, apesar de seus protestos. E tudo isto, por ordem do Conde Rodrigo, que quer se livrar dos dois indígenas e evitar o casamento do filho.